



CORREÇÃO – VERSÃO IMPRESSA

ENEM

2023

Literatura



Prof. Luana Signorelli

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS	3
1.1. GABARITO	12
2. QUESTÕES COM COMENTÁRIOS	13
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26



Professora Luana Signorelli



/luana.signorelli



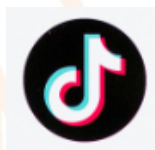
Professora Luana
Signorelli



@profa.luana.signorelli



Luana Signorelli



@luanasignorelli1

INTRODUÇÃO



Olá, alunos.

O meu nome é Luana. Sou **Mestra** em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB) e **Doutora** em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tenho 12 anos de experiência com revisão e padronização textual e 11 anos em curso pré-vestibular, tendo passado por instituições conhecidas e renomadas.

Lembrem-se sempre de nosso lema:

“O segredo do sucesso é a constância no objetivo”.

Hoje vamos corrigir a prova do **ENEM IMPRESSO 2023 – Literatura, 1º dia**, da **prova rosa**. Foram **15 questões** da minha parte.

2. QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS

20. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C7H24

Era um gato preto, como convinha a um cultor das boas letras, que já lera Poe traduzido por Baudelaire. Preto e gordo. E lerdo. Tão gordo e lerdo que a certa altura observei que ia perdendo inteiramente as qualidades características da raça, que são em suma o ódio de morte aos ratos. Já nem os afugentava! Os ratos de Ouro Preto são também dignos e solenes – não ria – tradicionalistas... descendentes de outros ratos que naqueles mesmos casarões presenciaram acontecimentos importantes da nossa história. No sobrado do desembargador Tomás Antônio Gonzaga, imagine o senhor uma reunião dos sonhadores inconfidentes, com os antepassados daqueles ratos a passearem pelo sótão ou mesmo pelo assoalho por entre as pernas dos homens absortos na esperança da independência nacional! E depois, os ancestrais daqueles roedores que eu via agora deslizar sutilmente no meu quarto podiam ter subido pelo poste da ignomínia colonial, onde estava exposta a cabeça do Tiradentes! E quando as órbitas se descarnaram ignominiosamente, podiam até ter penetrado no recesso daquele crânio onde verdadeiramente ardera a literatura, com a simplicidade do heroísmo, a febre nacionalista...

ALPHONSUS, J. Contos e novelas. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: INL, 1976.

Descrevendo seu gato, o narrador remete ao contexto e a protagonistas da **Inconfidência para criar um efeito desconcertante centrado no**

- desenho imaginativo do casario colonial de Ouro Preto.
- efeito de apagamento de limites entre ficção e realidade.
- vínculo estabelecido entre animais urbanos e literatura.
- questionamento sutil quanto à sanidade dos inconfidentes.



e) contraste entre austeridade pomposa e imagem repugnante.

21. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H15

Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas, só pelo prazer de proibir (ninguém podia cuspir pra cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices); mas outras bem irritantes, como a de pular muro pra cortar caminho, tática que quase todo mundo que não sofria de reumatismo vinha adotando ultimamente, principalmente os meninos. E não confiando na proibição só, nem na força dos castigos, que eram rigorosos, a Companhia ainda mandou fincar cacos de garrafa nos muros. Achei isso um exagero, e comentei o assunto com mamãe. Meu pai ouviu lá do quarto e veio explicar. Disse que em épocas normais bastava uma coisa ou outra; mas agora a Companhia não podia admitir nenhuma brecha em suas ordens; se alguém desobedecesse à proibição podia se cortar nos cacos; se alguém conseguisse pular um muro quebrando o corte de alguns cacos, ou jogando um couro por cima, era apanhado pela proibição, nhoc – e fez o gesto de quem torce um pescoço de frango.

VEIGA, J. J. Sombras de reis barbudos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Sob a perspectiva do menino que narra, os fatos ficcionais oferecem um esboço do momento político vigente na década de 1970, aqui representado pelo

- a) culto ao medo, infiltrado em situações do cotidiano.
- b) sentimento de dúvida quanto à veracidade das informações.
- c) ambiente de sonho, delineado por imagens perturbadoras.
- d) incentivo ao desenvolvimento econômico com a iniciativa privada.
- e) espaço urbano marcado por uma política de isolamento das crianças.

22. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H16

Migalhas

Entre a toalha branca e um bule de café
seria inapropriado dizer
eu não te amo mais.
Era necessário algo mais solene,
um jardim japonês
para as perdas pensadas,
um noturno de tempestade
para arrebentar de dor,
uma praia de pedras para chorar
em silêncio, uma cama alta
para o incenso da despedida,

uma janela
dando para o abismo.
No entanto você abaixa os olhos
e recorte lentamente as migalhas de pão
sobre a mesa posta para dois.

MARQUES, A. M. A vida submarina. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.

Nesse poema, a representação do sentimento amoroso recupera a tradição lírica, mas se ajusta à visão contemporânea ao

- a) invocar o interlocutor para uma tomada de posição.
- b) questionar a validade do envolvimento romântico.
- c) diluir em banalidade a comoção de um amor frustrado.
- d) transformar em paz as emoções conflituosas do casal.
- e) condicionar a existência da paixão a espaços idealizados.

23. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H16

Passado muito tempo, resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recordo da palavra que escolhi: arado. Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos revolvidos. Gostava do som redondo, fácil e ruidoso que tinha ao ser enunciado. “Vou trabalhar no arado.” “Vou arar a terra.” “Seria bom ter um arado novo, esse arado está troncho e velho.” O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada.

VIEIRA JR., I. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.

Com a perda de parte da língua na infância, a narradora tenta voltar a falar. Essa tentativa revela uma experiência que

- a) reflete o olhar do pai sobre as etapas do plantio.
- b) metaforiza a linguagem como ferramenta de lavoura.
- c) explicita, na busca pela palavra, o medo da solidão.
- d) confirma, a frustração da narradora com relação à terra.
- e) sugere, na ausência da linguagem, a estagnação do tempo.

24. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H15

A escravidão

Esses meninos que aí andam jogando peteca não viram nunca um escravo...
Quando crescerem, saberão que já houve no Brasil uma raça triste, votada à

escravidão e ao desespero; e verão nos museus a coleção hedionda dos troncos, dos vira-mundos e dos bacalhaus; e terão notícias dos trágicos horrores de uma época maldita: filhos arrancados ao seio das mães, virgens violadas em pranto, homens assados lentamente em fornos de cal, mulheres nuas recebendo na sua mísera nudez desvalida o duplo ultraje das chicotadas e dos olhares do feitor bestial. [...]

Mas a sua indignação nunca poderá ser tão grande como a daqueles que nasceram e cresceram em pleno horror, no meio desse horrível drama de sangue e lodo, sentindo dentro do ouvido e da alma, numa arrastada e contínua melopeia, o longo gemer da raça mártir – orquestração satânica de todos os soluços, de todas as impressões, de todos os lamentos que a tortura e a injustiça podem arrancar a gargantas humanas.

BILAC, O. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em 29 out. 2021.

Publicado em 1902, o texto de Olavo Bilac enfatiza as mazelas da escravidão no Brasil ao

- a) descrever de modo impessoal as consequências da exploração racial sobre as gerações futuras.
- b) contrapor a infância privilegiada das crianças da época à infância das crianças da época infância violentada das crianças escravizadas.
- c) antecipar o futuro apagamento das marcas da escravidão no contexto social.
- d) criticar a atenuação da violência contra os povos escravizados nas memórias retratadas pelos museus.
- e) imaginar a reação de indiferença de seus contemporâneos com os escravizados libertos.

25. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C6H18

E assim as coisas continuaram acontecendo entre os dois, em quase sustos, um grande por acaso com cacoetes de gestos definitivos. Com o Nunca Mais se oferecendo o tempo todo, bastaria dizer foi um prazer te conhecido, bastaria não trocar telefones nem e-mails e enterrar a casualidade com a cal da sabedoria – nada poderia ser definitivo, os encontros duravam duas horas ou duas décadas ou duas vezes isso, mas em algum momento necessariamente seria o fim. De todos os grandes amores. De todos os pequenos. De todas as juras, das promessas, de todos os na-alegria-e-na-tristeza. De todos os não amores, os desamores, os casamentos para sempre, os rancores para sempre, de todas as paralelas que só se viabilizam na abstração da geometria, de todas as pequenas paixões e de todas as grandes paixões, de tudo que para na antessala da paixão, de todos os vínculos não experimentados, de todos.

LISBOA, A. Rakushisha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

O recurso que promove a progressão textual, contribuindo para a construção da ideia de que as relações amorosas têm um enredo comum,

- a) repetição do pronome indefinido “todos”.
- b) utilização do travessão na marcação do aposto.
- c) retomada do antecedente pelo pronome “isso”.
- d) contraposição de ideias marcadas pela conjunção “mas”.
- e) substantivação de expressões pela anteposição do artigo.

26. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C6H19

A garganta é a gruta que guarda o som
A garganta está entre a mente e o coração
Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de repente um nó (e o que eu quero dizer?)
Às vezes, acontece um negócio esquisito
Quando eu quero falar eu grito, quando eu quero gritar eu falo, o resultado
Calo.

ESTRELA D'ALVA, R. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br>.
Acesso em: 23 nov. 2021 (fragmento).

A função emotiva presente no poema cumpre o propósito do eu lírico de

- a) revelar as desilusões amorosas.
- b) refletir sobre a censura à sua voz.
- c) expressar a dificuldade de comunicação.
- d) ressaltar a existência de pressões externas.
- e) manifestar as dores do processo de criação.

27. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C6H20

Alguém muito recentemente cortara o mato, que na época das chuvas crescia e rodeava a casa da mãe de Ponciá Vicêncio e de Luandi. Havia também vestígios de que a terra fora revolvida, como se ali fosse plantar uma pequena roça. Luandi sorriu. A mãe devia estar bastante forte, pois ainda labutava a terra. Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá na África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. O pai de Luandi, no dia em que queria agradar à mulher, costumava entoar aquela cantiga ao se aproximar de casa. Luandi não entendia as palavras do canto; sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma cantiga alegre. Luandi, além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas das mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar.

EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

A leitura do texto permite reconhecer a “cantiga de voltar” como patrimônio linguístico que

- a) representa a memória de uma língua africana extinta.
- b) exalta a rotina executada por jovens afrodescendentes.
- c) preserva a ancestralidade africana por meio da tradição oral.
- d) resgata a musicalidade africana por meio de palavras inteligíveis.

e) remonta à tristeza dos negros mais velhos com saudade da África.

28. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C7H22

TEXTO I

Zapeei os canais, como há dezenas de anos faço, e pá: parei num que exibia um episódio daquela velha família do futuro, *Os Jetsons*.

Nesse episódio em particular, a Jane Jetson, esposa do George, tratava de dirigir aquele veículo voador deles. Meu queixo foi caindo à medida que as piadinhas machistas sobre mulheres dirigirem foram se acumulando. Impressionante! Que futuro careta aqueles roteiristas imaginavam! Seriam incapazes de projetar algo melhor, e não apenas em termos de tecnologias, robôs e carros voadores? Será que nossa máxima visão de futuro só atinge as coisas, e jamais as pessoas? Como a Jane, uma mulher de 33 anos no desenho, poderia ser o que foram as minhas bisavós?

O futuro, naquele desenho, se esqueceu de ser melhor nas relações entre as pessoas. Aliás... tão parecido com a vida.

Fiquei de cara, como dizemos aqui, ou como dizíamos na minha adolescência, pobre adolescência, aprendendo, sem querer e sem muita defesa, um futuro tão besta quanto o passado.

RIBEIRO, A. E. Disponível em: www.rascunho.com.br. Acesso em: 21 out. 2021 (adaptado).

TEXTO II

Masculino e feminino são campos escorregadios que só se definem por oposição, sempre incompleta, um do outro. São formações imaginárias que buscam produzir uma diferença radical e complementar onde só existem onde só existem, de fato, mínimas diferenças. O resto é questão de estilo. Até pelo menos a segunda metade do século 19, o divisor de águas era claro: os homens ocupavam o espaço público. As mulheres tratavam da vida privada. Privada de quê? De visibilidade, diria Hannah Arendt. De visibilidade pública. Do que as mulheres estiveram privadas até o século 20 foi de presença pública manifesta não em imagem, mas em palavra. A palavra feminina, reservada ao espaço doméstico, não produzia diferença na vida social.

KHEL, M. R. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br>. Acesso em: 19 out. 2021 (adaptado).

A representação da mulher apresentada no Texto I pode ser explicada pelo Texto II no que diz respeito à(às);

- a) censura a formas de expressão femininas.
- b) ausência da figura feminina na vida pública.
- c) construções imaginárias cristalizadas na sociedade.
- d) limitações inerentes às figuras femininas e masculinas.
- e) dificuldade na atribuição de papéis masculinos e femininos.

35. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C7H21

TEXTO I
Alegria, alegria

O Sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia?
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não? Por que não?

VELOSO, C. Alegria, alegria. Rio de Janeiro: Potygram, 1990 (fragmento).

TEXTO II
Anjos tronchos

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais e mais e mais e mais

VELOSO, C. Meu coco. Rio de Janeiro: Sony, 2021 (fragmento).

Embora oriundas de momento históricos diferentes, essas letras de canção têm em comum a

- a) referência às cores como elemento de crítica a hábitos contemporâneos.
- b) percepção da profusão de informações geradas pela tecnologia.
- c) contraposição entre os vícios e as virtudes da vida moderna.
- d) busca constante pela liberdade de expressão individual.
- e) crítica à finalidade comercial das notícias.

36. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H16

Dão Lalalão

Do povoado do ão, ou dos sítios perto, alguém precisava urgente de querer vir — segunda, quarta e sexta — por escutar a novela do rádio. Ouvia, aprendia-a, guardava na ideia, e, retornado ao ão, no dia seguinte, a repetia aos outros.

Assim estavam jantando, vinham os do povoado, receber a nova parte da novela do rádio. Ouvir, já tinham ouvido — tudo, de uma vez, fugia da regra: falhara ali no ão, na véspera, o caminhão de um comprador de galinhas e ovos, seo Abrãozinho Buristém, que carregava um rádio pequeno, de pilhas, armara um fio no arame da cerca... Mas queriam escutar outra vez, por confirmação. — “A estória é estável de boa, mal que acompridada: taca e não rende...” — explicava o Zuz ao Dalberto,

Soropita começou a recontar o capítulo da novela. Sem trabalho, se recordava das palavras, até com clareza — disso se admirava. Contava com prazer de demorar, encher a sala com o poder de outros altos personagens. Tomar a atenção de todos, pudesse contar aquilo noite adiante. Era preciso trazer luz, nem enxergavam mais os outros; quando alguém ria, ria de muito longe. O capítulo da novela estava terminado.

ROSA, J. G. Noites no sertão (Corpo de baile). São Paulo: Global, 2021.

Nesse trecho, do conto, o gosto dos moradores do povoado por ouvir a novela de rádio recontada por Soropita deve-se ao(à)

- a) qualidade do som do rádio.
- b) estabilidade do enredo contado.
- c) ineditismo do capítulo da novela.
- d) jeito singular de falar aos ouvintes.
- e) dificuldade de compreensão da história.

42. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C4H14

Tenho dois seios, estas duas coxas, duas mãos que me são muito úteis, olhos escuros, estas duas sobrelhas que preencho com maquiagem comprada por dezenove e noventa e orelhas que não aceitam bijuterias. Este corpo é um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e violento. Movo os braços e multidões correm desesperadas. Caminho no escuro com o rosto para baixo, pois cada parte isolada de mim tem sua própria vida e não quero domá-las. Animal da caatinga. Forte demais. Engolidora de espadas e espinhos.

Dizem e eu ouvi, mas depois também li, que o estado do Ceará aboliu a escravidão quatro anos antes do restante do país. Todos aqueles corpos que eram trazidos com seus dedos contados, seus calcanhares prontos e seus umbigos em fogo, todos eles foram interrompidos no porto. Um homem — dizem e eu ouvi e depois também li — liderou o levante. E todos esses corpos foram buscar outros incômodos. Foram ser incomodados.

ARRAES, J. Redemoinho em dia quente. São Paulo: Alfaguara, 2019.

Nesse texto, os recursos expressivos usados pela narradora

- a) revelam as marcas da violência de raça e de gênero na construção da identidade.
- b) questionam o pioneirismo do estado do Ceará no enfrentamento à escravidão.
- c) reproduzem padrões estéticos em busca da valorização da autoestima feminina.
- d) sugerem uma atmosfera onírica alinhada ao desejo de resgate da espiritualidade.
- e) mimetizam, na paisagem, os corpos transformados pela violência da escravidão.

43. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C8H26

De quem é esta língua?



Uma pequena editora brasileira, a Urutau, acaba de lançar em Lisboa uma “antologia antirracista de poetas estrangeiros em Portugal”, com o título *Volta para a tua terra*.

O livro denuncia as diversas formas de racismo a que os imigrantes estão sujeitos. Alguns dos poetas brasileiros antologados queixam-se do desdém com que um grande número de portugueses acolhe o português brasileiro. É uma queixa frequente.

“Aqui em Portugal eles dizem / – eles dizem – / que nosso português é errado, que nós não falamos português”, escreve a poetisa paulista Maria Giulia Pinheiro, para concluir: “Se a sua linguagem, a lusitana, / ainda conserva a palavra da opressão / ela não é a mais bonita do mundo. Ela é uma das mais violentas.

AGUALUSA, J. E. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: 22 nov. 2021 (adaptado).

O texto de Agualusa tematiza o preconceito em relação ao português brasileiro. Com base no trecho citado pelo autor, infere-se que esse preconceito se deve

- a) à dificuldade de consolidação da literatura brasileira em outros países.
- b) aos diferentes graus de instrução formal entre os falantes de língua portuguesa.
- c) à existência de uma língua ideal que alguns falantes lusitanos creem ser a falada em Portugal.
- d) ao intercâmbio cultural que ocorre entre os povos de diferentes países de língua portuguesa.
- e) à distância territorial entre os falantes do português que vivem em Portugal e no Brasil.

44. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H15

Ainda daquela vez pude constatar a bizarrice dos costumes que constituíam as leis mais ou menos constantes do seu mundo: ao me aproximar, verifiquei que o Sr. Timóteo, gordo e suado, trajava um vestido de franjas e lantejoulas que pertencera a sua mãe. O corpete descia-lhe excessivamente justo na cintura, e aqui e ali rebentava através da costura um pouco da carne aprisionada, esgarçando a fazenda e tornando o prazer de vestir-se daquele modo uma autêntica espécie de suplício. Movia-se ele com lentidão, meneando todas as suas franjas e abanando-se vigorosamente com um desses leques de madeira de sândalo, o que o envolvia numa enjoativa onda de perfume. Não sei direito o que colocara sobre a cabeça, assemelhava-se mais a um turbante ou a um chapéu sem abas de onde saíam vigorosas mechas de cabelos alourados. Como era costume seu também, trazia o rosto pintado — e para isto, bem como para suas vestimentas, apoderara-se de todo o guarda-roupa deixado por sua mãe, também em sua época famosa pela extravagância com que se vestia — o que sem dúvida fazia sobressair-lhe o nariz enorme, tão característico da família Meneses.

CARDOSO, L. Crônica da casa assassinada. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

Pela voz de uma empregada da casa, a descrição de um dos membros da família exemplifica a renovação da ficção urbana nos anos 1950, aqui observada na

- a) opção por termos e expressões de sentido ambíguo.
- b) crítica social inspirada pelo convívio com os patrões.
- c) descrição impressionista do fetiche do personagem.
- d) presença de um foco narrativo de caráter impreciso.



e) ambiência de mistério das relações entre familiares.

45. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli) LC C5H16

Girassol da madrugada

Teu dedo curioso me segue lento no rosto
Os sulcos, as sombras machucadas por onde a vida passou.
Que silêncio, prenda minha... Que desvio triunfal da verdade,
Que círculos vagarosos na lagoa em que uma asa gratuita roçou...

Tive quatro amores eternos...
O primeiro era uma donzela,
O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma,
O terceiro era a rica senhora,
O quarto és tu... E eu afinal me repousei dos meus cuidados.

ANDRADE, M. Poesias completas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013 (fragmento).

Perante o outro, o eu lírico revela, na força das memórias evocadas, a

- a) vergonha das marcas provocadas pela passagem do tempo.
- b) indecisão em face das possibilidades afetivas do presente.
- c) serenidade sedimentada pela entrega pacífica ao desejo.
- d) frustração causada pela vontade de retorno ao passado.
- e) disponibilidade para a exploração do prazer efêmero.

2.1. GABARITO

GABARITO



20) B	21) A	22) C
23) B	24) C	25) A
26) C	27) C	28) C
35) A	36) D	42) A
43) C	44) B	45) C

3. QUESTÕES COM COMENTÁRIOS

20. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Era um gato preto, como convinha a um cultor das boas letras, que já lera Poe traduzido por Baudelaire. Preto e gordo. E lerdo. Tão gordo e lerdo que a certa altura observei que ia perdendo inteiramente as qualidades características da raça, que são em suma o ódio de morte aos ratos. Já nem os afugentava! Os ratos de Ouro Preto são também dignos e solenes – não ria – tradicionalistas... descendentes de outros ratos que naqueles mesmos casarões presenciaram acontecimentos importantes da nossa história. No sobrado do desembargador Tomás Antônio Gonzaga, imagine o senhor uma reunião dos sonhadores inconfidentes, com os antepassados daqueles ratos a passearem pelo sótão ou mesmo pelo assoalho por entre as pernas dos homens absortos na esperança da independência nacional! E depois, os ancestrais daqueles roedores que eu via agora deslizar sutilmente no meu quarto podiam ter subido pelo poste da ignomínia colonial, onde estava exposta a cabeça do Tiradentes! E quando as órbitas se descarnaram ignominiosamente, podiam até ter penetrado no recesso daquele crânio onde verdadeiramente ardera a literatura, com a simplicidade do heroísmo, a febre nacionalista...

ALPHONSUS, J. Contos e novelas. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: INL, 1976.

Descrevendo seu gato, o narrador remete ao contexto e a protagonistas da **Inconfidência para criar um efeito desconcertante centrado no**

- desenho imaginativo do casario colonial de Ouro Preto.
- efeito de apagamento de limites entre ficção e realidade.
- vínculo estabelecido entre animais urbanos e literatura.
- questionamento sutil quanto à sanidade dos inconfidentes.
- contraste entre austeridade pomposa e imagem repugnante.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. O narrador não descreve só um casario.

Alternativa B: correta – gabarito. A partir da descrição do gato, o narrador descreve também ratos, primeiro, literalmente, como animais, e depois de maneira simbólica. Tanto é que haveria um convívio entre os antepassados dos ratos com personagens coloniais, inclusive, escritores árcades, como o poeta Tomás Antônio Gonzaga, o que contribui para turvar os limites entre ficção e realidade.

Alternativa C: incorreta. Ratos não são necessariamente urbanos.

Alternativa D: incorreta. O questionamento não é sutil.

Alternativa E: incorreta. Tal contraste não é evidenciado.

Gabarito: B.



21. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas, só pelo prazer de proibir (ninguém podia cuspir pra cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices); mas outras bem irritantes, como a de pular muro pra cortar caminho, tática que quase todo mundo que não sofria de reumatismo vinha adotando ultimamente, principalmente os meninos. E não confiando na proibição só, nem na força dos castigos, que eram rigorosos, a Companhia ainda mandou fincar cacos de garrafa nos muros. Achei isso um exagero, e comentei o assunto com mamãe. Meu pai ouviu lá do quarto e veio explicar. Disse que em épocas normais bastava uma coisa ou outra; mas agora a Companhia não podia admitir nenhuma brecha em suas ordens; se alguém desobedecesse à proibição podia se cortar nos cacos; se alguém conseguisse pular um muro quebrando o corte de alguns cacos, ou jogando um couro por cima, era apanhado pela proibição, nhoc – e fez o gesto de quem torce um pescoço de frango.

VEIGA, J. J. Sombras de reis barbudos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Sob a perspectiva do menino que narra, os fatos ficcionais oferecem um esboço do momento político vigente na década de 1970, aqui representado pelo

- a) culto ao medo, infiltrado em situações do cotidiano.
- b) sentimento de dúvida quanto à veracidade das informações.
- c) ambiente de sonho, delineado por imagens perturbadoras.
- d) incentivo ao desenvolvimento econômico com a iniciativa privada.
- e) espaço urbano marcado por uma política de isolamento das crianças.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: correta – gabarito. Situações estas que são a proibição de atalhar caminho pelo muro e o gesto representando repressão e violência, como quem degola um frango.

Alternativa B: incorreta. Não existe tal dúvida.

Alternativa C: incorreta. O ambiente não é de sonho, mas sim a realidade propriamente dita.

Alternativa D: incorreta. Não há tal incentivo.

Alternativa E: incorreta. Não são só as crianças as prejudicadas pelo sistema.

Gabarito: A.

22. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Migalhas

Entre a toalha branca e um bule de café
seria inapropriado dizer
eu não te amo mais.



Era necessário algo mais solene,
um jardim japonês
para as perdas pensadas,
um noturno de tempestade
para arrebentar de dor,
uma praia de pedras para chorar
em silêncio, uma cama alta
para o incenso da despedida,
uma janela
dando para o abismo.
No entanto você abaixa os olhos
e recorte lentamente as migalhas de pão
sobre a mesa posta para dois.

MARQUES, A. M. A vida submarina. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.

Nesse poema, a representação do sentimento amoroso recupera a tradição lírica, mas se ajusta à visão contemporânea ao

- a) invocar o interlocutor para uma tomada de posição.
- b) questionar a validade do envolvimento romântico.
- c) diluir em banalidade a comoção de um amor frustrado.
- d) transformar em paz as emoções conflituosas do casal.
- e) condicionar a existência da paixão a espaços idealizados.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário/conhecimento de movimentos literários.

Alternativa A: incorreta. No poema, o eu lírico interage com outro personagem, mas não há invocação do leitor.

Alternativa B: incorreta. Não existe tal questionamento.

Alternativa C: correta – gabarito. O fim do relacionamento é posto na mesa, como se os cacos estivessem espalhados em meio às migalhas.

Alternativa D: incorreta. Não predomina essa tentativa de conversão de um sentimento para outro.

Alternativa E: incorreta. Pelo contrário, há abandono da idealização romântica.

Gabarito: C.

23. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Passado muito tempo, resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recordo da palavra que escolhi: arado. Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos revolvidos. Gostava do som redondo, fácil e ruidoso que tinha ao ser enunciado. “Vou trabalhar no arado.” “Vou arar a terra.” “Seria bom ter um arado novo, esse arado está troncho e velho.” O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um



ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada.

VIEIRA JR., I. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.

Com a perda de parte da língua na infância, a narradora tenta voltar a falar. Essa tentativa revela uma experiência que

- a) reflete o olhar do pai sobre as etapas do plantio.
- b) metáforiza a linguagem como ferramenta de lavoura.
- c) explicita, na busca pela palavra, o medo da solidão.
- d) confirma, a frustração da narradora com relação à terra.
- e) sugere, na ausência da linguagem, a estagnação do tempo.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. Belonísia tem um pedaço de sua língua cortada e precisa descobrir uma nova linguagem para falar. Trata-se de uma língua própria dela, e não do pai.

Alternativa B: correta – gabarito. Por estarem ligados ao meio rural onde vivem e trabalham, a comparação simbólica que a narradora faz com o arado, instrumento da lavoura, ainda que torto, pois deformado, foi a forma que ela encontrou para se expressar após o acidente que decepou parte de seu órgão.

Alternativa C: incorreta. Esse medo não é predominante, mas sim vencido.

Alternativa D: incorreta. Ela não está frustrada.

Alternativa E: incorreta. A ausência de linguagem física não impede a personagem de se comunicar.

Gabarito: B.

24. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

A escravidão

Esses meninos que aí andam jogando peteca não viram nunca um escravo... Quando crescerem, saberão que já houve no Brasil uma raça triste, votada à escravidão e ao desespero; e verão nos museus a coleção hedionda dos troncos, dos vira-mundos e dos bacalhaus; e terão notícias dos trágicos horrores de uma época maldita: filhos arrancados ao seio das mães, virgens violadas em pranto, homens assados lentamente em fornos de cal, mulheres nuas recebendo na sua mísera nudez desvalida o duplo ultraje das chicotadas e dos olhares do feitor bestial. [...]

Mas a sua indignação nunca poderá ser tão grande como a daqueles que nasceram e cresceram em pleno horror, no meio desse horrível drama de sangue e lodo, sentindo dentro do ouvido e da alma, numa arrastada e contínua melopeia, o longo gemer da raça mártir – orquestração satânica de todos os soluços, de todas as impressões, de todos os lamentos que a tortura e a injustiça podem arrancar a gargantas humanas.

BILAC, O. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em 29 out. 2021.

Publicado em 1902, o texto de Olavo Bilac enfatiza as mazelas da escravidão no Brasil ao



- a) descrever de modo impessoal as consequências da exploração racial sobre as gerações futuras.
- b) contrapor a infância privilegiada das crianças da época à infância das crianças da época infância violentada das crianças escravizadas.
- c) antecipar o futuro apagamento das marcas da escravidão no contexto social.
- d) criticar a atenuação da violência contra os povos escravizados nas memórias retratadas pelos museus.
- e) imaginar a reação de indiferença de seus contemporâneos com os escravizados libertos.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. Não é de modo impessoal.

Alternativa B: incorreta. Os escravos torturados não necessariamente eram crianças, o que se infere do trecho: “homens assados lentamente em fornos de cal”.

Alternativa C: correta – gabarito. O narrador reflete, a partir de crianças brincando na rua despreocupadamente, que elas só conhecerão a escravidão por meio de museus, mas não por meio da experiência pessoal.

Alternativa D: incorreta. Não há tal crítica.

Alternativa E: incorreta. Não é indiferença de seus contemporâneos: o narrador projeta nas crianças o desconhecimento sobre a escravidão.

Gabarito: C.

25. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

E assim as coisas continuaram acontecendo entre os dois, em quase sustos, um grande por acaso com cacoetes de gestos definitivos. Com o Nunca Mais se oferecendo o tempo todo, bastaria dizer foi um prazer te conhecido, bastaria não trocar telefones nem e-mails e enterrar a casualidade com a cal da sabedoria – nada poderia ser definitivo, os encontros duravam duas horas ou duas décadas ou duas vezes isso, mas em algum momento necessariamente seria o fim. De todos os grandes amores. De todos os pequenos. De todas as juras, das promessas, de todos os na-alegria-e-na-tristeza. De todos os não amores, os desamores, os casamentos para sempre, os rancores para sempre, de todas as paralelas que só se viabilizam na abstração da geometria, de todas as pequenas paixões e de todas as grandes paixões, de tudo que para na antessala da paixão, de todos os vínculos não experimentados, de todos.

LISBOA, A. Rakushisha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

O recurso que promove a progressão textual, contribuindo para a construção da ideia de que as relações amorosas têm um enredo comum,

- a) repetição do pronome indefinido “todos”.
- b) utilização do travessão na marcação do aposto.
- c) retomada do antecedente pelo pronome “isso”.
- d) contraposição de ideias marcadas pela conjunção “mas”.
- e) substantivação de expressões pela anteposição do artigo.



Comentários:

Questão de interpretação de texto literário/Gramática aplicada à Literatura.

Alternativa A: correta – gabarito. Essa reiteração faz com que as relações amorosas sejam reunidas em torno de um enredo comum.

Alternativa B: incorreta. O travessão no trecho não introduz um aposto.

Alternativa C: incorreta. Apenas esse elemento não generaliza as relações amorosas.

Alternativa D: incorreta. Essa conjunção adversativa sinaliza o fim do relacionamento amoroso.

Alternativa E: incorreta. O uso de artigos definidos especifica as situações.

Gabarito: A.

26. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

A garganta é a gruta que guarda o som

A garganta está entre a mente e o coração

Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de repente um nó (e o que eu quero dizer?)

Às vezes, acontece um negócio esquisito

Quando eu quero falar eu grito, quando eu quero gritar eu falo, o resultado

Calo.

ESTRELA D’ALVA, R. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br>.
Acesso em: 23 nov. 2021 (fragmento).

A função emotiva presente no poema cumpre o propósito do eu lírico de

- a) revelar as decepções amorosas.
- b) refletir sobre a censura à sua voz.
- c) expressar a dificuldade de comunicação.
- d) ressaltar a existência de pressões externas.
- e) manifestar as dores do processo de criação.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. O poema em si não aborda essas decepções.

Alternativa B: incorreta. **Cuidado:** não é porque o eu lírico se cala que ele está sendo necessariamente censurado.

Alternativa C: correta – gabarito. Assim que o eu lírico tenta alguma forma de expressão, ele não a consegue, há algum impedimento.

Alternativa D: incorreta. Tais pressões não foram mencionadas.

Alternativa E: incorreta. O poema fala sobre as dificuldades de expressão, e não sobre as dores do processo de criação.

Gabarito: C.

27. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Alguém muito recentemente cortara o mato, que na época das chuvas crescia e rodeava a casa da mãe de Ponciá Vicêncio e de Luandi. Havia também vestígios de que a terra fora revolvida, como se ali fosse plantar uma pequena roça. Luandi sorriu. A mãe devia estar bastante forte, pois ainda labutava a terra. Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá na África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. O pai de Luandi, no dia em que queria agradar à mulher, costumava entoar aquela cantiga ao se aproximar de casa. Luandi não entendia as palavras do canto; sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma cantiga alegre. Luandi, além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas das mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar.

EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

A leitura do texto permite reconhecer a “cantiga de voltar” como patrimônio linguístico que

- a) representa a memória de uma língua africana extinta.
- b) exalta a rotina executada por jovens afrodescendentes.
- c) preserva a ancestralidade africana por meio da tradição oral.
- d) resgata a musicalidade africana por meio de palavras inteligíveis.
- e) remonta à tristeza dos negros mais velhos com saudade da África.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. Não extinta, pois ainda está sendo usada.

Alternativa B: incorreta. Luandi retorna a sua casa depois de ir morar na cidade. Para resgatar as suas origens é que começa a cantar a canção.

Alternativa C: correta – gabarito. Ao se lembrar da música ensinada pelo pai, Luandi é capaz de se reconectar à sua identidade.

Alternativa D: incorreta. Pelo contrário: para Luandi, as palavras são ininteligíveis, mas isso não importa.

Alternativa E: incorreta. São palavras com sentido de comunidade.

Gabarito: C.

28. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

TEXTO I

Zapeei os canais, como há dezenas de anos faço, e pá: parei num que exibia um episódio daquela velha família do futuro, *Os Jetsons*.



Nesse episódio em particular, a Jane Jetson, esposa do George, tratava de dirigir aquele veículo voador deles. Meu queixo foi caindo à medida que as piadinhas machistas sobre mulheres dirigirem foram se acumulando. Impressionante! Que futuro careta aqueles roteiristas imaginavam! Seriam incapazes de projetar algo melhor, e não apenas em termos de tecnologias, robôs e carros voadores? Será que nossa máxima visão de futuro só atinge as coisas, e jamais as pessoas? Como a Jane, uma mulher de 33 anos no desenho, poderia ser o que foram as minhas bisavós?

O futuro, naquele desenho, se esqueceu de ser melhor nas relações entre as pessoas. Aliás... tão parecido com a vida.

Fiquei de cara, como dizemos aqui, ou como dizíamos na minha adolescência, pobre adolescência, aprendendo, sem querer e sem muita defesa, um futuro tão besta quanto o passado.

RIBEIRO, A. E. Disponível em: www.rascunho.com.br. Acesso em: 21 out. 2021 (adaptado).

TEXTO II

Masculino e feminino são campos escorregadios que só se definem por oposição, sempre incompleta, um do outro. São formações imaginárias que buscam produzir uma diferença radical e complementar onde só existem onde só existem, de fato, mínimas diferenças. O resto é questão de estilo. Até pelo menos a segunda metade do século 19, o divisor de águas era claro: os homens ocupavam o espaço público. As mulheres tratavam da vida privada. Privada de quê? De visibilidade, diria Hannah Arendt. De visibilidade pública. Do que as mulheres estiveram privadas até o século 20 foi de presença pública manifesta não em imagem, mas em palavra. A palavra feminina, reservada ao espaço doméstico, não produzia diferença na vida social.

KHEL, M. R. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br>. Acesso em: 19 out. 2021 (adaptado).

A representação da mulher apresentada no Texto I pode ser explicada pelo Texto II no que diz respeito à(às);

- a) censura a formas de expressão femininas.
- b) ausência da figura feminina na vida pública.
- c) construções imaginárias cristalizadas na sociedade.
- d) limitações inerentes às figuras femininas e masculinas.
- e) dificuldade na atribuição de papéis masculinos e femininos.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário/literatura comparada.

Alternativa A: incorreta. No primeiro texto, há piadas machistas e no segundo texto é mencionado como as mulheres foram silenciadas publicamente.

Alternativa B: incorreta. Apenas no segundo texto.

Alternativa C: correta – gabarito. Em ambos os textos, há um debate acerca do senso comum sobre como a mulher é representada na sociedade.

Alternativa D: incorreta. Apenas às figuras femininas.

Alternativa E: incorreta. Não há tal dificuldade.

Gabarito: C.

35. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

TEXTO I
Alegria, alegria

O Sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia?
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não? Por que não?

VELOSO, C. Alegria, alegria. Rio de Janeiro: Potygram, 1990 (fragmento).

TEXTO II
Anjos tronchos

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais e mais e mais e mais

VELOSO, C. Meu coco. Rio de Janeiro: Sony, 2021 (fragmento).

Embora oriundas de momento históricos diferentes, essas letras de canção têm em comum a

- a) referência às cores como elemento de crítica a hábitos contemporâneos.
- b) percepção da profusão de informações geradas pela tecnologia.
- c) contraposição entre os vícios e as virtudes da vida moderna.
- d) busca constante pela liberdade de expressão individual.
- e) crítica à finalidade comercial das notícias.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário/literatura comparada.

Alternativa A: correta – gabarito. O que se infere pelos seguintes versos respectivamente: “Os olhos cheios de cores” e “Das telas dos azuis mais do que azuis”. No primeiro texto, a expressão “cheio de” expressa saturação, indicando a crítica, e no segundo texto, a tonalidade representa o excesso de exposição a telas tecnológicas.

Alternativa B: incorreta. Apenas no segundo texto.

Alternativa C: incorreta. Os poemas se concentram nos vícios.

Alternativa D: incorreta. Em nenhum dos poemas.

Alternativa E: incorreta. Não é a finalidade em si que está sendo criticada.

Gabarito: A.



36. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Dão Lalalão

Do povoado do ão, ou dos sítios perto, alguém precisava urgente de querer vir — segunda, quarta e sexta — por escutar a novela do rádio. Ouvia, aprendia-a, guardava na ideia, e, retornado ao ão, no dia seguinte, a repetia aos outros.

Assim estavam jantando, vinham os do povoado, receber a nova parte da novela do rádio. Ouvir, já tinham ouvido — tudo, de uma vez, fugia da regra: falhara ali no ão, na véspera, o caminhão de um comprador de galinhas e ovos, seo Abrãozinho Buristém, que carregava um rádio pequeno, de pilhas, armara um fio no arame da cerca... Mas queriam escutar outra vez, por confirmação. — “A estória é estável de boa, mal que acompridada: taca e não rende...” — explicava o Zuz ao Dalberto,

Soropita começou a recontar o capítulo da novela. Sem trabalho, se recordava das palavras, até com clareza — disso se admirava. Contava com prazer de demorar, encher a sala com o poder de outros altos personagens. Tomar a atenção de todos, pudesse contar aquilo noite adiante. Era preciso trazer luz, nem enxergavam mais os outros; quando alguém ria, ria de muito longe. O capítulo da novela estava terminado.

ROSA, J. G. Noites no sertão (Corpo de baile). São Paulo: Global, 2021.

Nesse trecho, do conto, o gosto dos moradores do povoado por ouvir a novela de rádio recontada por Soropita deve-se ao(à)

- qualidade do som do rádio.
- estabilidade do enredo contado.
- ineditismo do capítulo da novela.
- jeito singular de falar aos ouvintes.
- dificuldade de compreensão da história.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. Não é esse o motivo pelo qual os personagens estão cativados.

Alternativa B: incorreta. Não é a estabilidade em si, mas sim a forma como o enredo é contado.

Alternativa C: incorreta. Até porque eles já tinham ouvido a história, o que se infere do trecho: “Ouvir, já tinham ouvido”.

Alternativa D: correta – gabarito. Os personagens ficam encantados pelo modo como a história foi narrada.

Alternativa E: incorreta. Não há tal dificuldade.

Gabarito: D.

42. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Tenho dois seios, estas duas coxas, duas mãos que me são muito úteis, olhos escuros, estas duas sobrelhas que preencho com maquiagem comprada por dezenove e noventa e orelhas que não aceitam bijuterias. Este corpo é um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e violento. Movo os braços e multidões correm desesperadas. Caminho no escuro com o rosto para baixo, pois cada parte isolada de mim tem sua própria vida e não quero domá-las. Animal da caatinga. Forte demais. Engolidora de espadas e espinhos.

Dizem e eu ouvi, mas depois também li, que o estado do Ceará aboliu a escravidão quatro anos antes do restante do país. Todos aqueles corpos que eram trazidos com seus dedos contados, seus calcanhares prontos e seus umbigos em fogo, todos eles foram interrompidos no porto. Um homem — dizem e eu ouvi e depois também li — liderou o levante. E todos esses corpos foram buscar outros incômodos. Foram ser incomodados.

ARRAES, J. Redemoinho em dia quente. São Paulo: Alfaguara, 2019.

Nesse texto, os recursos expressivos usados pela narradora

- revelam as marcas da violência de raça e de gênero na construção da identidade.
- questionam o pioneirismo do estado do Ceará no enfrentamento à escravidão.
- reproduzem padrões estéticos em busca da valorização da autoestima feminina.
- sugerem uma atmosfera onírica alinhada ao desejo de resgate da espiritualidade.
- mimetizam, na paisagem, os corpos transformados pela violência da escravidão.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: correta – gabarito. O corpo da narradora traz marcas que a caracterizam pelo seu gênero e pela sua identidade étnica.

Alternativa B: incorreta. Não há tal questionamento.

Alternativa C: incorreta. Não é a reprodução de padrões, pois a personagem tem uma identidade própria.

Alternativa D: incorreta. Não é onírica (ligada a sonho).

Alternativa E: incorreta. **Atenção:** é o corpo da personagem que mimetiza a força da natureza. No caso, a caatinga.

Gabarito: A.

43. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

De quem é esta língua?

Uma pequena editora brasileira, a Urutau, acaba de lançar em Lisboa uma “antologia antirracista de poetas estrangeiros em Portugal”, com o título *Volta para a tua terra*.

O livro denuncia as diversas formas de racismo a que os imigrantes estão sujeitos. Alguns dos poetas brasileiros antologados queixam-se do desdém com que um grande número de portugueses acolhe o português brasileiro. É uma queixa frequente.

“Aqui em Portugal eles dizem / – eles dizem – / que nosso português é errado, que nós não falamos português”, escreve a poetisa paulista Maria Giulia Pinheiro, para



concluir: “Se a sua linguagem, a lusitana, / ainda conserva a palavra da opressão / ela não é a mais bonita do mundo. Ela é uma das mais violentas.

AGUALUSA, J. E. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: 22 nov. 2021 (adaptado).

O texto de Agualusa tematiza o preconceito em relação ao português brasileiro. Com base no trecho citado pelo autor, infere-se que esse preconceito se deve

- a) à dificuldade de consolidação da literatura brasileira em outros países.
- b) aos diferentes graus de instrução formal entre os falantes de língua portuguesa.
- c) à existência de uma língua ideal que alguns falantes lusitanos creem ser a falada em Portugal.
- d) ao intercâmbio cultural que ocorre entre os povos de diferentes países de língua portuguesa.
- e) à distância territorial entre os falantes do português que vivem em Portugal e no Brasil.

Comentários:

Questão de interpretação de texto/sociolinguística.

Alternativa A: incorreta. Essa dificuldade não foi abordada no texto.

Alternativa B: incorreta. A instrução formal não é um critério de diferenciação nesse contexto.

Alternativa C: correta – gabarito. Chamada de / inclusive, seria ela a diferenciar as variantes linguísticas faladas em Portugal e no Brasil.

Alternativa D: incorreta. Esse intercâmbio cultural não é determinante.

Alternativa E: incorreta. A distância territorial em si não é um problema.

Gabarito: C.

44. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Ainda daquela vez pude constatar a bizarrice dos costumes que constituíam as leis mais ou menos constantes do seu mundo: ao me aproximar, verifiquei que o Sr. Timóteo, gordo e suado, trajava um vestido de franjas e lantejoulas que pertencera a sua mãe. O corpete descia-lhe excessivamente justo na cintura, e aqui e ali rebentava através da costura um pouco da carne aprisionada, esgarçando a fazenda e tornando o prazer de vestir-se daquele modo uma autêntica espécie de suplício. Movia-se ele com lentidão, meneando todas as suas franjas e abanando-se vigorosamente com um desses leques de madeira de sândalo, o que o envolvia numa enjoativa onda de perfume. Não sei direito o que colocara sobre a cabeça, assemelhava-se mais a um turbante ou a um chapéu sem abas de onde saíam vigorosas mechas de cabelos alourados. Como era costume seu também, trazia o rosto pintado — e para isto, bem como para suas vestimentas, apoderara-se de todo o guarda-roupa deixado por sua mãe, também em sua época famosa pela extravagância com que se vestia — o que sem dúvida fazia sobressair-lhe o nariz enorme, tão característico da família Meneses.

CARDOSO, L. Crônica da casa assassinada. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.



Pela voz de uma empregada da casa, a descrição de um dos membros da família exemplifica a renovação da ficção urbana nos anos 1950, aqui observada na

- a) opção por termos e expressões de sentido ambíguo.
- b) crítica social inspirada pelo convívio com os patrões.
- c) descrição impressionista do fetiche do personagem.
- d) presença de um foco narrativo de caráter impreciso.
- e) ambiência de mistério das relações entre familiares.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário/conhecimento de movimentos literários.

Alternativa A: incorreta. A ambiguidade não é um efeito de texto almejado por parte da narradora.

Alternativa B: correta – gabarito. A ficção em prosa modernista no Brasil a partir dos anos 1950 se foca em tendências específicas. No caso dessa obra em particular, o memorialismo e o intimismo.

Alternativa C: incorreta. O texto em si é modernista e não impressionista, tampouco o jeito excêntrico de se vestir do personagem Timóteo é necessariamente um fetiche.

Alternativa D: incorreta. É preciso, tanto é que o comando teórico discriminou que a voz narrativa parte da empregada da casa.

Alternativa E: incorreta. O texto é descritivo e detalhista, e não misterioso.

Gabarito: B.

45. (ENEM IMPRESSO/2023/1º dia – Professora Luana Signorelli)

Girassol da madrugada

Teu dedo curioso me segue lento no rosto

Os sulcos, as sombras machucadas por onde a vida passou.

Que silêncio, prenda minha... Que desvio triunfal da verdade,

Que círculos vagarosos na lagoa em que uma asa gratuita roçou...

Tive quatro amores eternos...

O primeiro era uma donzela,

O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma,

O terceiro era a rica senhora,

O quarto és tu... E eu afinal me repousei dos meus cuidados.

ANDRADE, M. Poesias completas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013 (fragmento).

Perante o outro, o eu lírico revela, na força das memórias evocadas, a

- a) vergonha das marcas provocadas pela passagem do tempo.
- b) indecisão em face das possibilidades afetivas do presente.
- c) serenidade sedimentada pela entrega pacífica ao desejo.
- d) frustração causada pela vontade de retorno ao passado.
- e) disponibilidade para a exploração do prazer efêmero.

Comentários:

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. O eu lírico não sente vergonha pela passagem do tempo, nem por trocar tanto de amores.

Alternativa B: incorreta. Mesmo tendo tido outros afetos, o eu lírico demonstra sensibilidade com o amor do presente.

Alternativa C: correta – gabarito. O que se infere do verso final: “O quarto és tu... E eu afinal me repousei dos meus cuidados”.

Alternativa D: incorreta. O eu lírico não está frustrado.

Alternativa E: incorreta. Não é essa a reação do eu lírico.

Gabarito: C.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Eu me coloco à disposição de vocês para sanar eventuais dúvidas.

Tenho a meta de responder ao Fórum de Dúvidas, com a qualidade e a profundidade exigidas, assim como podem me encontrar em redes sociais. Além disso, temos **Sala VIP**.

Versão	Data	Modificações	Professora
1	05/11/2023	Entrega da primeira versão.	Luana Signorelli



Professora Luana Signorelli



/luana.signorelli



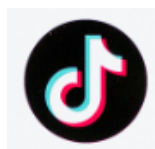
Professora Luana Signorelli



@profa.luana.signorelli



Luana Signorelli



@luanasignorelli1

